Os Arianos (*)

Dr. Carlos Studart Filho

I

Muitas são as ficções que vão perpetuando no meio intelectual brasileiro. Problemas de cronologia de há longo tempo solucionados alhures satisfatoriamente, dúvidas históricas resolvidas de modo definitivo alêm-fronteiras, permanecem entre nós, inexplicavelmente. na mais acentuada e palpitante atualidade.

Em tôrno delas travam-se acaloradas discussões e turbilhona a polêmica.

Tradições já desfeitas continuam a ser aquí propaladas como a expressão de verdades insofismáveis pelos nossos escritores.

Galileu é ainda, para muitos, o mártir venerável da Santa Inquisição Romana.

Assim, pareceu-nos interessante evidenciar algumas das abusões radicadas no espírito de nossos estudiosos, para pôr de sobreaviso os leitores que não tenham cultura especializada no domínio das letras históricas. Começaremos pela questão ariana, que foi outrora objeto de tantos e tão vivos debates. E' assunto de que quase já se não fala nos centros culturais e intelectuais do Velho Mundo, mas que, no Brasil, logra ainda constituir motivo de acirrada contenda.

Não iremos, é claro, fazer um estudo completo da controvérsia ariana, transladando para estas colunas opiniões e pareceres de todos os historiadores, filólogos, antropologistas que dela se ocuparam, mas apenas seguí-la através de suas fases mais interes-

(*) Trabalho lido em sessão do Instituto, de 20 de Dez. de 1931.

santes. Nosso intuito é, sobretudo, mostrar que a chamada raça ariana foi uma criação artificiosa dos linguistas europeus do século XIX e está, hoje, por isso mesmo, completamente desacreditada.

Da longa disputa travada em derredor do assunto cabe aquí apenas rápida notícia.

Sendo êste nosso escrito um trabalho de mera vulgarização, julgamos de certa conveniência começá-lo indicando de que modo os glotólogos chegaram á evidência de um tronco linguístico comum aos idiomas indo-europeus e como admitiram uma raça ariana.

Foram indubitavelmente as observações do florentino Felipe Sasseti (1), relativas á ocorrência de palavras semelhantes no italiano e no sânscrito, observações reveladas ao Mundo Europeu em sua carta de 15 de Janeiro de 1585, o ponto de partida para os estudos de linguística comparada que levaram, três seculos depois, Bopp a proclamar a realidade de um parentesco entre um certo número de idiomas da Eurásia. Verdade já entrevista por Coeurdoux (1767) e W. Jones, em 1786, e que veio repercutir, como era natural, de modo notável no terreno das investigações filológicas e etnográficas.

Uma vez provadas, pela glotologia, afinidades íntimas entre idiomas tão díspares na aparência como aqueles que hoje cobrem parte da Europa e parte da Ásia, concluíram os linguistas por afirmar a existência de uma lingua comum, cepa em que se entroncariam, á maneira de ramos divergentes num tronco anoso, oito famílias linguísticas principais, a saber: a indo-irânica, a armênica, a helênica, a germânica, a itálica, a balto-eslava, a céltica e a albanesa.

Tal lingua primitiva, de há muito desaparecida como entidade distinta, devia no entender dos especialistas, viver ainda na trama íntima de seus inúmeros dialetos.

«Si fortes les affinités du sanscrit, du grec et du latin qu'aucun linguiste ne peut examiner ces langues sans croire qu'elles sont issues d'une source com-

---

(1)—E' interessante saber-se que Sasseti, depois de habitar o Oriente, esteve igualmente em Pernambuco em meados do seculo XVI, alí se tendo hospedado na casa do rico senhor Felipe Cavalcante, genro de Matias de Albuquerque.

mune qui peut-être n'existe plus» — escrevia W. Jones, já em 1786.

Imbuídos dêsse princípio, empreenderam, com relativo êxito, recompô-la Schleicher e H. Chavée, sábios cujos nomes a história não pode, di-lo Hovelacque, esquecer sem grave injustiça.

De indagação em indagação, lançando mão de métodos cuja legitimidade não cabe apreciar aquí, a linguística moderna achou-se, assim, na posse de um idioma que, embora sumariamente recomposto e formado de um sistema hipotético de raízes, era, todavia, no consenso quase unânime dos estudiosos, a lingua-mãe do falar de quase todos os europeus de nossos dias.

Êsse idioma primevo, diversificado por evoluções autônomas, arquiavô das linguas novi-latinas, recebeu, inda no berço, a denominação convencional de *indo-europeu comum*. Deram-lhe também, mais tarde, os nomes de *lingua ariana primitiva* e *lingua aríaca*, expressão proposta por Appert e Chavée, mas que não logrou aceitação.

Já muito anteriormente, cabe observá-lo, o extremo orgulho dos teutos batizara os idiomas originários dessa lingua comum com a designação viciosa de *linguas indo-germânicas*. E outros ainda houveram por bem chamar-lhes *indo-célticas*, termo igualmente inaceitável, por susceptível de induzir-nos a enganos.

A expressão *linguas sanscríticas* andou também perpertuando nos compêndios o êrro daqueles que julgavam ser o sânscrito, ou melhor o védico, por exibir maior número de formas arcaicas, não somente a lingua que representava mais fielmente o indo-europeu comum, mas até a fonte caudalosa das outras.

Os linguistas, que haviam estabelecido o princípio da unidade original dos idiomas indo-europeus, em verdade uma das decisivas conquistas da ciência moderna, não se satisfizeram, todavia, com os loiros colhidos. Quiseram ir além e invadiram, inadvertidamente, o campo de uma disciplina em absoluto diversa daquela que cultivavam. Esquecidos de que a questão linguística independe por inteiro da questão antropológica e firmados somente no princípio acima

referido da identidade de origem dos idiomas indo-europeus, êles proclamaram cedo uma ilação precipitada e improcedente, a conexão racial entre os grupos étnicos que falavam e compreendiam as linguas aríacas, reunindo-os, depois, num só e grande todo sob a denominação de *raça indo-européa* ou *ariana*. Fizeram mais: fortalecidos pela opinião dos que sustentavam ser o zende e o antigo indiano, conservado nos livros sagrados dos indús, os idiomas que melhor reproduziam o indo-europeu comum, e firmados em certo número de documentos literários, cujas citações nos eximimos de fazer, voltaram-se êles para o misterioso Oriente, onde lendas antigas e tradições judaicas colocam o berço da humanidade. E lá, nas planuras centrais da Ásia, foram localizar a pátria dos primeíros arianos, depois de a terem fixado «nesse imenso quadrilátero, que, segundo Pictet, vai do Indo ao Tigre e ao Eufrates, do Oxo e do Iaxartes ao Golfo Pérsico».

A seguir, baseando deduções em idéas reconhecidas hoje como inteiramente falsas, mas que êles julgavam então legitimamente inferidas dos ensinamentos da paleontologia, da etnografia e do folclore, pretenderam os sábios remontar, numa visada retrospectiva, o curso dos séculos e reconstituir, em suas linhas gerais, o modo de vida, a cultura e época das migrações dêsses nossos supostos avoengos e até mesmo o caminho que seguiram, antes de invadir a Europa (2).

A exposição ordenada dos fatos e argumentos em que a estabeleceram os gramáticos, vem plenamente desenvolvida nos livros de Pictet, de Grimm, de Max Müller e sobretudo na magnífica monografia de Salomão Reinach intitulada *L' origine des Aryens*. Impossível resumí-los aquí, mesmo em seus pontos culminantes. Interessante parece-nos, entretanto, fazer a explanação panorâmica, sucinta, da vida e das migrações dos primitivos árias — tais como são ainda hoje ensinadas em nossos estabelecimentos oficiais de instrução secundária, para mais tarde mostrar sua inanidade.

Houve tempo, assegura Müller e com êle vários

---

(2)—Um quadro das migrações sucessivas dos arianos europeus foi estabelecido por Pictet, nas suas «Origens Indo-Européas».

outros glotólogos de sua escola, em que os longinquos antepassados dos indús, iranianos, gregos, italiotas, eslavos, celtas e germanos viviam sob a mesma tenda, na remota Bactriana.

Formavam então um pequeno clã que, comprimido no âmbito estreito de seu território, cresceu a pouco e pouco, derramando-se por sôbre as grandes planícies circunvizinhas, que se tornaram em breve fervilhantes de gente. Daquela aglomeração de pastores nômades e guerreiros, cuja lingua e costumes evolviam lentamente, se destacaram colônias que, reunidas em tôrno de um *pater-familias*, tornado o patriarca da tribo, partiam, gado á frente, em busca de pastagens mais verdes e veludosas.

A essas massas emigratórias outras se seguiram a curtos intervalos.

Grupos de homens, tendo a dirigí-los um chefe enérgico e voluntarioso, atiravam-se impávidos, vingando cumeadas, vadeando rios e transpondo vales em demanda ao ocidente.

A todos norteava o ocaso do sol.

O êxodo era naturalmente lento, e a marcha do rebanho regrava a duração das etapas percorridas. Nas vastas ondulações dos campos relvosos, nas várzeas ricas, a caravana se detinha largo tempo. Não havia então pressa em atingir a meta ainda incerta. Os últimos chegados ora impeliam para a frente os que primeiro haviam deixado perdida no remoto horizonte a terra do berço, ora lhes passavam ao largo, evitando perturbar a quietude de agregados mais fortes e belicosos. E assim, de poisada em poisada, de acampamento em acampamento, avançavam enxames de homens, que iam levar ás extremas ocidentais do Velho Continente a lingua e as instituições vigentes na pátria longinqua, quando de lá se partiram os seus maiores.

No decorrer dessas longas caminhadas, a massa humana se adensou notavelmente.

O dinamismo daquela existência errante desenvolveu as energias físicas e as aptidões mentais da raça, talhada, no dizer de escritores e sábios europeus contemporâneos, para o predomínio do mundo.

As constantes mutações cenográficas educaram-lhes a visão e a estesia, e o amor da guerra tornara-

os, através dos séculos decorridos em constantes peregrinações, robustos e vivazes.

A primeira leva de emigrantes áricos teria chegado á Europa entre 1800 e 1600 anos A. C. (Hirth), ou no período que vai do décimo-quinto ao vigésimo século A. C. (Jubainville), povoando-a, segundo uns, ou, segundo outros, impondo idioma, usos e costumes e interrompendo a continuidade das famílias linguísticas basco-caucásia e etrusco-asiana, que do Cáucaso se estendiam aos Pireneus.

Enquanto, beirando as aguas do Danúbio, ao arrepio de sua corrente, subiam os celtas, é Pictet quem no-lo diz, e os helenos atravessavam a Ásia Menor e se iam fixar nas margens do Mar Egeu, outras tribos caminhavam para a Itália ou varavam as estepes meridionais da Rússia em direção á Cítia européa.

A seguir, todas elas iniciaram um período de lutas armadas, de deslocamentos e migrações, que se prolongaram até época bem próxima de nós.

O berço de origem expeliu a todos os indo-europeus. Os últimos a deixá-lo teriam sido os indús, que se escoaram, através das gargantas do Indú-Cuxe, para o Pendjabe, e os medos e persas, que foram habitar as orlas do grande planalto do Irã, onde *Ahure Mazde*, o deus da vida, da pureza e da verdade, e *Ahriman*, o deus das trevas, viviam em prélios milenários.

Indús e iranianos eram os primogênitos da família ariana, os guardas mais fiéis da lingua e das instituições primitivas.

Êsse conjunto de noções, a que chamamos, para mais facilmente caracterizá-las, teoria clássica da formação dos povos arianos, emprestando á palavra «clássica» sua verdadeira significação, esteve em larga voga na Europa até fins do seculo XIX.

Enlevados pelo resplendor de tais idéas, viveram gerações e gerações de sábios do mais alto quilate.

Em vão espíritos poderosamente dotados, como Latham, Omalius d'Hallay, Broca e tantos outros, mostraram as contradições e os erros da nova doutrina; os protestos autorizados dos eruditos que sairam em campo para combater a tese ariana, foram facilmente abafados pelo ruído dos aplausos de seus numero-

sos adeptos. Nenhum credo científico teve até hoje propugnadores mais insignes, nem provocou maiores entusiasmos (3). Em tôrno dêle congregaram-se sabedores da estatura de Schleicher, Müller, Pott, Grimm, Pictet, etc.

E, todavia, as restrições impostas á doutrina formulada pelos linguistas do Velho Mundo para explicar a gênese dos indo-europeus, eram, como iremos ver a seguir, perfeitamente justificadas.

Nas suas «Lições sôbre a ciência da linguagem» fala Müller de um tempo em que deviam viver juntos os antepassados dos gregos, romanos, eslavos, persas, indús, etc., e diz que só mais tarde êsse povo primitivo dividiu-se no seu primitivo clã, no platô central da Ásia, emigrando e irradiando para o Indo e para o ocidente (4).

A improcedência de tal asserto, que é um dos pontos básicos da teoria clássica, ressalta aos olhos mesmo dos menos prevenidos. Aí as noções de raças antropológicas e raças históricas, tão distintas na realidade, baralham-se e confundem-se lamentavelmente.

Como admitir que de um tipo antropológico fixo e definido, qual deveria ser o tipo dos indivíduos que formavam o remoto e indiviso clã ariano, pudessem descender os grupos étnicos apontados por Müller, tão dessemelhantes hoje por temperamento, caractéres somáticos e aptidões intelectivas?

Reduzir a uma raça única os povos que na Eurásia manejam linguas arianas, é empresa irrealizável á luz do pensamento moderno. Importa notar também que o fato de falarem dois e mais indivíduos idiomas aparentados não significa que êles devam necessariamente ter a mesma origem étnica. Identidade de lingua não implica de nenhum modo identidade de raça.

---

(3)—Explica-se facilmente o favor que fruiu durante anos no seio das «élites» intelectuais a teoria clássica. Faltava aos antigos pesquisadores dados e elementos suficientes ao esclarecimento de uma série de questões atinentes ao problema em debate. A antropologia estava no nascedoiro e a arqueologia prehistórica não lograra ainda alcançar toda sua significação como ciência. No vastíssimo campo da antropogenia pouco se tinha feito até então. Ademais, a concepção de Müller estava calcada nos ensinamentos da tradição e da Biblia, no tocante á origem dos povos, e o primeiro clã ariano aparecia assim aos olhos de todos como uma espécie de família patriarcal das Santas Escrituras.

---

(4)—Apud João Ribeiro, «Historia Antiga».

E' de todos sabido que certos índios civilizados do Brasil central falam o português sem outras ligações terem com os habitantes da Lusitânia, que manejam o mesmo idioma: a ilação tirada nesse particular pelos antigos linguistas era, pois, como ficou dito, precipitada e sem justificativa séria.

As objeções levantadas contra o princípio da unidade original das raças indo-européas, formulado por Müller, abalaram profundamente a teoria clássica, tornando-a insustentável. Foi necessário aos partidários do ariano asiático buscar uma nova fórmula, que conciliasse as antigas idéas com as novas aquisições científicas.

Prevaleceram, então, as vistas de Virchow e sua escola, de um lado, e, do outro, as de De Mortillet e de Topinard.

Relegando para um plano inteiramente secundário o problema antropológico, Virchow opinava que os indo-europeus, ao deixarem a Bactriana, muito antes, portanto, de chegarem á Velha Europa, já não constituíam uma raça na acepção biológica do termo; formavam um simples amálgama de elementos raciais heterogêneos, tendo de comum a lingua, os costumes e as instituições político-sociais.

A grave questão da complexidade morfológica das populações da Europa teria assim, dentro da teoria clássica, uma explicação perfeitamente satisfatória.

Pode-se aceitar, sem grave relutância, que os árias, ao se lançarem á conquista do Mundo Antigo, já não pertencessem todos ao mesmo grupo étnico. As guerras, que trazem para o seio das comunidades primitivas, como escravos, indivíduos diversos pela cultura e pela morfologia, os cruzamentos inevitáveis entre os pastores indo-europeus e seus vizinhos e mil outros fatores, enfim, poderiam ter alterado profundamente a pureza racial do remoto clã ariano. A variante da teoria clássica, proposta por Virchow (5), como aliás algumas outras, deixa, porêm,

---

(5)— O ponto de vista de Virchow foi modernamente adotado e defendido por S. Freist, que assim depõe a respeito: «Il est bien possible que les Indo-européens primitifs formaient déjà un mélange de types différents unis par les biens d'une largeur et d'une culture identique».

de levar em conta a alta antiguidade do *homo sapiens* na Europa, o que a torna por igual improvável.

Dados de indiscutível valor mostram, com efeito, que «o europeu é um antigo habitante de sua região», que êle vive e se cruza dentro do mesmo «habitat» desde tempos imemoriais, e milhares de lustros antes da época da suposta invasão ariana, que a singeleza de certos escritores dá como ocorrida no ano 2000 A. C., o homem branco já se achava definitivamente arraigado no poente da Eurásia.

Essa vetustez pasmosa torna, como é óbvio, risível a pretensão dos que julgam poder povoar os países da Europa á custa de hordas arianas aí chegadas quase no início dos tempos históricos.

Outra contradita formal ás alegações dogmáticas de Virchow, expressas em vários de seus trabalhos sôbre o assunto, é a existência de uma certa continuidade no tempo das diferentes raças que se reúnem e se associam para a formação das modernas etnias européas.

Desde o neolítico, talvez mesmo desde o período arziliano, de que nos fala Boule, encontram-se por toda a parte documentos profusos, que comprovam essa persistência.

Como aceitar, portanto, que os arianos houvessem chegado á Europa em grandes massas migratórias depois dessa época afastada?

De Mortillet e Topinard dão ao problema uma solução um tanto diversa da de Virchow. Tendo em vista a continuidade dos diferentes povos europeus, a que nos referimos, êles pretendem que os verdadeiros arianos fossem os braquicéfalos que, em pleno período da pedra polida, teriam transportado da Ásia para o outro extremo do Velho Mundo os machados de pedra polida, os animais domésticos o trigo e muitas outras plantas úteis.

A tese dos dois ilustres sábios franceses tem aparentemente grande solidez.

A paleontologia humana, comparando os esqueletos das populações, que se sucedem através das camadas sedimentares da Eurásia, mostra, efetivamente, que «até o mesolítico, a Europa ocidental não conheceu senão dolicocéfalos, embora de tipos diversos».

Nesse período longinquo, perdido nas trevas de um passado multissecular, bem poderia ter-se dado a chegada das primeiras levas arianas, que com sua presença viriam perturbar a relativa unidade étnica e cultural da região.

A tese complexa da identidade dos arianos com os braquicéfalos neolíticos e de sua origem asiática, foi igualmente sustentada por Sergi, Ripley e Drumont.

Os termos em que puseram a questão todos os continuadores de Müller, mudaram sensivelmente, como se vê.

Os árias, êsses pastores nômades e guerreiros a que se referem ainda com tanto entusiasmo muitos intelectuais patrícios, já não teriam descido dos erguidos planaltos do Irã no limiar da proto-história; para tais adeptos do ariano asiático, êles viriam do Oriente em uma época tão recuada, que a inteligência humana dificilmente poderia hoje conceber.

A hipótese exposta por Müller, tão clara e tão precisa, perdia, dêsse modo, através de seus discípulos, a simplicidade originária.

Recuando milênios a chegada dos primeiros emigrantes árias á Europa, os adeptos da teoria clássica tornavam-na mais plausível, mas faziam-na cair no domínio dos fatos meramente conjecturais da prehistória.

Mesmo assim, nebulosa e sem grande interêsse para a historiografia, a nova hipótese formulada por De Mortillet e Topinard não ficou ao abrigo da crítica.

Lapouge, o famigerado discípulo de Gobineau, numa de suas mais interessantes monografias, analisou-a severamente e reduziu-a a nada, mostrando que o trigo e demais plantas úteis, apontadas por êles como provindas da Ásia, tinham sido cultivadas na Europa muito antes da época neolítica e que os animais domésticos eram, na sua maoiria, nativos da África.

Não é tudo. Tambêm a glótica, pelos seus órgãos mais importantes e autorizados, opõe restrições sérias á hipótese ariana de Max Müller e de seus seguidores.

Já consignámos que os linguistas colocavam na Bactriana o berço dos idiomas aríacos e também dos primitivos árias, porque consideravam, entre outras razões, o *sânscrito* e o *zende* os representantes mais puros do indo-europeu comum e, consequentemente, como devendo ser os dialetos dessa lingua arcaica que menos se afastaram do seu centro de origem.

«De todos os dialetos arianos, escreve Müller, os dois que menos mudaram e se conservaram mais primitivos são o zende iraniano e o sânscrito; por outro lado, o dialeto que mais se deformou foi o céltico, que está geograficamente no extremo oeste. E' claro, pois, que o sânscrito e o zende, que representam dialetos mais primitivos, devam estar mais próximos do centro de dispersão». (6)

Essas velhas alegações já não encontram justificativas.

Filhas de um grande êrro de raciocínio, sutís e apressadas, elas não têm, nem podem ter, a significação que lhes querem emprestar alguns.

O caráter antiquado da lingua do Avesta e do sânscrito e sua maior semelhança com o ária primevo, que os filólogos antigos viviam preocupados em acentuar, decorre de simples acaso. Tais idiomas, como argutamente evidenciaram Saussure e o inglês A. H. Sayce, possuem número mais considerável de formas arcaicas, da herança comum, porque permaneceram, até nossos dias, ao abrigo de alterações, fixados em documentos muitas vezes seculares, enquanto as linguas da Europa evolveram sem deixar monumento escrito algum, coevo dos primeiros tempos de sua formação.

Em relêvo puseram ainda os citados autores que entre as linguas arianas ainda hoje faladas naquela parte do Velho Continente, algumas há que se distanciaram menos do suposto tronco do que outros idiomas asianos dados como de igual procedência.

E citavam o indí e o lituano. Êste, tão indo-europeu quanto a lingua védica de há 4000 anos, aque-

---

(6) – Apud João Ribeiro, «Historia Antiga».

le, degradado pelo uso, já sem os seus caráctéres de rudeza originária.

E' grave equívoco, portanto, comparar o zende ou o sânscrito com qualquer das linguas vivas da Europa atual.

Só seriam cotejáveis para dirimir o caso documentos linguísticos sincrônicos, hoje de impossível consecução.

Se confrontarmos, por exemplo, o persa de hoje com o irlandês também contemporâneo, o arcaismo do aparelho gramatical do último idioma se patenteia claramente «pela conservação das antigas formas e, nesse pressuposto, a conclusão seria que é mais provável assinalar-se o «habitat» dos arianos na Islândia do que na Bactriana».

A objeção é, portanto, decisiva. Demais, o termo *parentesco*, tido outrora como próprio á expressão de afinidades reais entre linguas, é considerado pelos glotólogos contemporâneos simples metáfora. Os idiomas indo-europeus não comportam a divisão dicotômica que lhes impuseram os gramáticos. As conexões que unem as grandes divisões linguísticas são extremamente complexas; «cada uma delas está ligada de maneira particular a várias outras, e, coisa singular, diz-nos Lapouge, essas conexões se verificam entre o falar de povos hoje vizinhos, e são correlativas ás posições geográficas e não á ordem de emigração das supostas colônias arianas».

Para explicar o fato seria necessário, raciocina o mestre, admitir que o deslocamento dos árias se produziu somente depois da diferenciação das grandes tribos célticas, germâniças, eslavas, indús, etc. e que a posição respectiva dessas tribos na Ásia primitiva fôsse a mesma que a dos povos históricos. Ora, isso é evidentemente impossível.

Observe-se de passagem que a opinião de Bopp, de Schleicher, de Chavée, de Curtius, segundo a qual o sânscrito é o representante mais fiel do indo-europeu comum, jalgada até ontem postulado incontrovertível, não tem igualmente êsse caráter de absoluta indestrutibilidade que geralmente se crê. Tal ponto de vista tem sido, afirma-o Hovelacque, combatido tenaz-

mente pelos neogramáticos, entre os quais sobressaem Osthoff, Brugmann e Hault, que parecem dar á lingua grega acentuada preferência.

Não se poderia invocar argumento mais decisório contra a hipótese clássica. Todavia, a opinião dos neogramáticos aguarda ainda provas que a sancionem.

A idéa enunciada linhas acima, de localizar na Europa o berço dos indo-europeus, é muito antiga. Nasceu com os primeiros balbucios da teoria clássica e teve por ponto de partida o cérebro possante de Latham. Prefaciando, em 1851, o memorável escrito de Tácito sôbre os germanos («Germânia», Londres, 1851), estranha Latham que se fizessem derivar da Bactriana os remotos árias, quando as populações que falavam linguas aríacas se achavam em maoir número no ocidente da Eurásia, e aventa a tese do autoctonismo do grupo ariano europeu. Para êle, a Europa, e mais particularmente a Polônia, teria sido o grande verdadeiro centro de onde se irradiariam para todos os quadrantes a raça, a lingua e a civilização indo-européas. A opinião sustentada por Latham foi, mais tarde, desenvolvida por Benfey, em 1868, e por Clemência Royer nos congressos de antropologia de 1872 e 1878.

Adotaram-na também, embora parcialmente, Penka e Lapouge, que, manejando formidável cópia de erudição, deu á nova doutrina uma extraordinária amplitude, tirando dela consequências as mais importantes no domínio da sociologia. Uma vez iniciada a reação contra a hipótese asiática, contra ela se pronunciaram historiadores, filólogos e antropologistas como Preschel, Cuno, Fred Müller, Fligier, Poesche, Geiger, Giles, Meillet e Boule.

Surge então uma infinidade de publicações, em que os autores, tomando preferentemente por base de seus estudos o exame de vocábulos comuns a vários povos indo-europeus, vocábulos que comportem indicações geográficas, buscam localizar com precisão o ponto da Europa de onde partiram os primeiros enxames arianos

Como era natural em estudos de tanta complexidade e delicadeza, as discordâncias são, porém, *numerosas e profundas*.

Assim, o lugar da comum residência dos indo-

-europeus seria para Benfey a região situada entre o mar Cáspio e o mar de Azof; para Preschel, o Cáucaso; para Cuno, a planície setentrional da Europa; para Fred Müller, o nordeste da Europa; para Fligier, o sul da Rússia; para Poesche, os atuais pântanos de Rokitno; para Geiger, a Alemanha do norte; para Giles, a Hungria; para Meillet, as proximidades do Báltico, e, finalmente, para Boule, as estepes da Rússia meridional.

Em meio dessa enorme massa de opugnadores da teoria clássica, desenham-se, nítidas, duas correntes, que divergem na eleição do tipo antropológico do primitivo indo-europeu.

Para uns especialistas, seria braquicefálica a raça no seio da qual se desenvolveram as primeiras formas das linguas e das instituições arianas. Para outros, a preferência deveria ser dada ao grande dolicocéfalo loiro da Europa setentrional.

Acesa e indecisa ia a pendência entre partidários do ariano europeu, quando, em 1883, aparece á luz da publicidade a obra de Penka, intitulada «Origines Ariacae», e pouco mais tarde as várias monografias de Vacher de Lapouge sôbre idêntico tema. Êsses trabalhos, que marcam época na história cronológica da controvérsia ariana, e cuja atuação foi enorme nos círculos científicos europeus, asseguraram temporariamente o triunfo da corrente que optava pelos dolicocéfalos.

Escapa ao objetivo dêste escrito comentar todas as idéas e falar dos argumentos desenvolvidos nessas obras. Vale, todavia, assinalar que Lapouge, levando em grande conta ser a região hoje ocupada pela raça branca igualmente o centro do território de distribuição das linguas aríacas e a não existência de um único grupo da raça branca loira que fale qualquer idioma estranho á familia das lingas indo-européas, conclue por assimilar o ariano europeu ao nórdico ou germano, «raça enérgica, forte, inteligente, de olhos azues e crânio dolicocéfalo, de grande estatura, de fôrça muscular e cujo berço Penka, seguindo a Wilser coloca na Suécia setentrional».

Contra a afirmativa de Penka há, todavia, como observa João Ribeiro, uma formidável objeção. Sendo, como parece pelo vocabulário, o povo ária nôma-

de e pastor, é impossível dar-lhe o «habitat» montanhoso e impróprio da Suécia; na planície o povo nômade, numa área de milhares de leguas, pode conservar a mesma lingua (ex.: os tártaros, os árabes), mas, entre montanhas e vales, os povos vizinhos falam logo dialetos diferentes (ex.: a Suissa, o Cáucaso, etc).

Laponge compreendeu perfeitamente a justeza da observação. Para não entrar em conflito com Penka, cujos pontos de vista adota em sua quase totalidade, êle alarga e amplia consideravelmente o «habitat» primitivo da raça ariana, desdobrando-o por sôbre as orlas do Mar do Norte e do Mar Báltico. Mas deriva-a preferentemente de uma planície desaparecida no Mar do Norte, a que dá o nome de Terra de Latham, em homenagem por certo ao precursor da hipótese européa.

Dominado pela noção biológico-histórica da influência do meio físico na constituição das diferentes raças—idéa então preponderante em ciência—,êle explicava a formação dos indo-europeus do seguinte modo.

Foi, diz Lapouge, segundo toda a verissimilhança, nas terras da Holanda e da Alemanha ocidental e nas regiões baixas do Mar do Norte, ora submersas, que, em meados da era quaternária, o grupo ariano se separou da raça de Neauderthal, que lhe deu origem.

Êsse «habitat» amplíssimo, onde o grupo entrou a evolucionar, era limitado por uma zona de florestas que minguava ou crescia ao sabor das variações climáticas. O ritmo das transformações sucessivas por êle sofridas se acentuava todas as vezes que as florestas diminuíam, permitindo-lhes penetrar mais longe no noroeste europeu. Aí a nebulosidade e a humidade eram maiores e os fatores evolutivos agiam com mais intensidade.

Também a agra peleja pela vida travada entre êles, em condições naturalmente variáveis, concorria de modo poderoso para ativar a transformação dos protoarianos. Durou milênios esse trabalho seletivo, condicionado pelo clima e pela guerra, e se prolongou até o começo dos tempos atuais. Só então a obra de «arianização» dos descendentes do *homo neauderthalensis*

se integra e a raça adquire o cunho definitivo que lhe conhecemos.

Á ação modificadora do meio nenhuma das hordas protoarianas soube resistir; foram, porêm, as tribos do sul da Noruega que, colocadas em posição privilegiada pela natureza, realizaram o tipo ariano mais puro.

Expendidas as suas idéas sôbre a formação da raça, traça o imaginoso Lapouge os caminhos trilhados pelas hordas arianas migradoras.

Para êle, as tribos que arianizaram a Gália e a Itália devem ser consideradas o mais antigo enxame ariano que deixou a pátria. Elas teriam atingido, por etapas sucessivas, o Mediterrâneo dois milênios pelo menos antes de Cristo. Indo até a África, inquietavam, mais tarde, os Egípcios, sob o nome de Tomhon, e deram origem ás tribos tuaregues.

Partiram a seguir os arianos orientais. Essas ondas humanas, achando fechado o caminho do sul pelos emigrantes que a precederam, desviaram-se da rota primitiva, procurando passar pela parte oriental do Báltico.

As tribos que arianizaram os eslavos, os gregos e asiáticos, ter-se-iam posto em marcha há 4000 mais ou menos

Os belgas, os germanos e os normandos representariam um terceiro enxame.

A teoria é, como se vê, singela e atraente.

Todavia, Lapouge edifica o seu vasto sistema interpretativo sôbre bases filológicas e etnográficas demasiado frágeis e, por isso mesmo, a reação não se fez esperar Encabeçaram-na Deniker (1900), Sigmund Freist (1914), Vallée Ponsin (1924) e muitos outros nomes, dos mais respeitáveis em ciência.

Suas conclusões, combatidas tenazmente por essa plêiade de novos teoristas, ruíram fragorosamente.

Deniker argumenta com muito acêrto (7) que

(7) Que civilização essa ninguêm sabe ao certo. O método inventado por Pictet e que consiste, no dizer de Vallée Pousin, em considerar os objetos que tenham nomes semelhantes ou de comum origem nas linguas indo-européas ou em duas linguas indo-européas geograficamente isoladas, como sendo conhecidos pelo clã ariano antes da separação, tem dado entre as mãos dos diversos pesquisadores resultados que diferem de modo considerável. A descrição da civilização ariana primitiva deixada por Max Müller, considerada «como muito aproximada da verdade», não concorda com a de Topinard; nem a feita por Pictet se parece com a de Schrader.

Para explicar essas divergências, Lapouge insinua que a civilização aria-

a antropologia é, em absoluto, impotente para nos dizer com segurança se os antigos proprietários dos crânios dolicocéfalos da Europa setentrional, se o *homo nordicus*, em suma, manejavam ou não uma lingua ariana.

Demais, é ainda o mesmo autor a falar, nada prova igualmente que os povos que se serviam, para transmitir seu pensamento, de linguas anarianas, não estivessem na posse de uma civilização análoga á dos arianos, civilização essa desenvolvida entre êles de um modo autônomo.

Todos devemos reconhecer que nada se pode contrapor á fôrça e ao vigor dessas observações. Entretanto, Deniker entrevira apenas a verdade, que foi mais tarde evidenciada, em toda a sua plenitude, por Sigmund Freist.

Fazendo valer argumentos de pêso desigual, Freist demonstrou a inteira falsidade da tese sustentada por Lapouge, segundo a qual os verdadeiros indo-europeus seriam germanos, tese tão cara aos pregoeiros da superioridade do doliloiro e de que se fez líder na atualidade o professor Haus Gunther.

Do exposto se pode concluir que a questão ariana, que empolgou tantos publicistas notáveis, deve ser considerada virtualmente morta.

Ninguêm acredita mais na doutrina clássica, que pressupõe a derivação asiática dos povos, linguas e instituições chamados arianos. A revisão das velhas idéas está feita. De há muito, linguistas e antropólogos romperam também com a hipótese desenvolvida pelos pensadores alemães e propagada por Penka e Lapouge.

---

na primitiva não era uniforme; cada grupo tinha sua forma de cultura e ela compreendia todos os estádios de passagem entre o regime da caça e o da agricultura sedentária. Qualquer coisa algo parecida com a civilização dos negros da África ou com a dos aborígenes da América.

Assim sendo, de absoluto desinterêsse seria buscar descobrir o centro de origem e irradiação da civilização ariana, pois «nada prova que os povos que falavam linguas anarianas não possuissem uma civilização idêntica, desenvolvida entre êles de modo absolutamente autônomo».

Para Sigmund Freist, os indo-europeus não são germanos, nem os germanos são indo-europeus. Raça autóctone, estabelecida desde início dos tempos neolíticos no «habitat» que ocupava mais tarde no sul do Báltico, os protogermanos esqueceram sua lingua, aprendendo, antes do domínio céltico (VI e V séculos A.C.), um dialeto indo-europeu que lhes impuseram tribos da Europa central, cujos vestígios se perderam.

Só assim se podem explicar, segundo êle, pelo vocabulário, os hábitos linguísticos dos protogermanos e os caractéres que apontam ao idioma germânico um lugar tão á parte entre as linguas arianas (Vellée Ponsin).

O preconceito de que o berço do indo-europeu devia estar na Europa, só porque arianos e germanos seriam uma mesma e única raça, jaz hoje por terra, posto á margem, á mingua de base científica.

Na atualidade, parece firmado apenas que numa época remota, próxima talvez do neolítico europeu, povos de diversas origens «se arianizaram sob o ponto de vista da lingua», isto é, adquiriram uma fonética e uma gramática comuns e elementos comuns de vocabulário, «sem alteração sensível na constituição de seu tipo físico, nem provavelmente de sua civilizaçã».

Conjecturar quais as condições dessa arianização e os caractéres morfológicos do elemento formador do núcleo racial primitivo que impôs á maioria dos habitantes da Europa sua linguagem falada, é empresa impossível no estado presente dos nossos conhecimentos

Perguntar-se-á, talvez:—De onde veio a lingua ariana? Seu centro principal de irradiação foi realmente, como pensa Hirt, a região letolituana? A resolução dêsse problema pertence á exclusiva competência dos especialistas e não cabe, por isso mesmo, discutí-lo aquí. Interessante é, todavia, observar que muitos glotólogos contemporâneos consideram essa pergunta inteiramente ociosa.

Depois que surgiu a teoria das ondulações de Schmidt e outros, os idiomas indo-europeus já não aparecem como sendo necessariamente formas evolvidas de um tronco ancestral comum.

A tendência da filologia é, ao que parece, para negar, com Delbrück mesmo a existência de uma lingua primitiva geral.

O que inicialmente se teria dado, no entender de um autor já muitas vezes citado, foi o seguinte: «Nada de familia patriarcal, nem mesmo de tribo indo-européa primitiva, mas um conjunto de povos nômades derramados por sôbre dilatados territórios, falando idiomas intimamente aparentados, que sofriam evolução linguística coletiva para as formas arianas».

Nessa densa e complexa multidão de dialetos indefinidos, um intenso processo seletivo, que fazia desaparecer os mais fracos, dava aos mais fortes o domínio de uma área de considerável extensão.

Assim, pela supressão das formas intermediárias, formaram-se os grandes grupos linguísticos hoje admitidos, como, mais recentemente, se constituíram o francês, o espanhol, o italiano, linguas oriundas de idiomas locais impostos, por meros acidentes históricos, a dilatadas regiões do globo e que acabaram por abafar os inumeráveis idiomas saídos, com êles, da comum origem latina.

Essa opinião está ainda sujeita ao *referendum* dos linguistas.